

pessoalmente, ou seja, em amor, senão noutra vida, que seja transempírica, imortal, plena, definitiva, e isto é a salvação.

Concluimos que o homem é naturalmente religioso. Mais do que animal racional, e, em virtude de racional, ético e artístico, deve definir-se como animal religioso, porque só neste sentido é completamente homem, pois esta dimensão é a síntese e perfeição de todas actividades de perfeição ou plenificação da sua natureza.

Sinto já a objecção: mas não há agnósticos, ateus, críticas filosóficas destrutivas da religião, militantes anti-teístas e anti-religiosos? Então não são homens?

Respondo, antes de mais, com a distinção entre religiosidade e religião. Aquela é uma dimensão essencial do homem, enquanto capacidade de realização última. Esta é a actuação dessa capacidade, que, em virtude da sua máxima complexidade e do seu desenvolvimento progressivo, quer na história individual, quer colectiva, está sujeita a deformações, mutilações, degenerescências, mistificações. Daí que seja possível aparecerem falsas religiões (religiões civis ou secularizadas), religiões primitivas de nível cósmico, religiões mais perfeitas de nível personalista e, como facto histórico, religiões reveladas.

A religiosidade é uma capacidade essencial do homem. A Religião é a actuação dessa capacidade, uma actividade própria do homem, reveladora da sua natureza, mas sujeita a todas as consequências e avatares da historicidade e complexidade antropológicas. Há homens, que no exercício necessário e inevitável da sua capacidade religiosa, não atingem o nível da verdadeira religião, mas em razão de múltiplos e misteriosos factores, se ficam nos seus substitutos e sucedâneos: ideologia, idolatria, demonismo, superstição, enfim, absolutização de bens terrenos e finitos, bens penúltimos tomados como últimos, no lugar de Deus. Mas sempre se exerce de modo inelutável a capacidade de absoluto e de infinito, que é ínsita no âmago ou essência do homem.

Parafraseando o célebre tópico-profecia de André Malraux: "O século XXI será religioso, ou não será", poderemos concluir: o homem de todos os séculos será religioso, ou não será.

ÂNGELO ALVES

Eucaristia e Trindade

A Dimensão Eucarística na Mensagem de Fátima

1. A Eucaristia no contexto global da mensagem: chaves hermenêuticas prévias

Para compreender a dimensão eucarística na mensagem de Fátima há que enquadrá-la quer no contexto global das aparições quer no contexto próximo em que está situada no interior da própria mensagem revelada. O contexto remoto e próximo oferece-nos as chaves hermenêuticas prévias para captar todo o alcance e toda a profundidade do mistério eucarístico tal como aparece nos textos da mensagem.

As aparições tiram o seu significado particular do momento histórico, social, político, cultural, religioso e eclesial ao qual dirigem a sua interpelação e que procuram iluminar. Com efeito, uma revelação particular é, na expressão de K.Rahner, a revelação de um imperativo evangélico numa determinada situação histórica da Igreja e do mundo, a realizar com urgência num preciso momento, requerido pela própria situação histórica e de acordo com os princípios gerais da revelação pública e da fé eclesial.¹

1.1. No horizonte da modernidade

É bem evidente como a mensagem de Fátima se refere à nova era dos tempos modernos com particular incidência no momento dos dois

¹ Cf. RAHNER, K. – *Alcune tesi per una teologia della devozione al S. Cuore di Gesù*. In *Saggi di cristologia e di mariologia*, Roma 1967, 291.

grandes conflitos que marcam a história do século XX, com todo o contexto em que estes se inserem e com tudo aquilo de que são expressão.

A primeira e a segunda guerras mundiais constituem como que *um prisma do mal* neste século, onde de vários ângulos se reflectem e podem observar as principais facetas do mal e os seus efeitos perversos:

- A novidade trágica da forma política totalitária, nas versões do estalinismo e do nazismo, típica do século XX;

- O recurso à mentira sistemática para fabricar uma verdade e (re)escrever a história;

- Um programa de negação de Deus e da sua expulsão da vida pública e das próprias consciências, através de um ateísmo e laicismo militantes;

- A aniquilação e morte do ser humano e o desprezo total da dignidade da pessoa na expressividade numérica de dezenas de milhões de vítimas, em nome da pureza radical da ideologia, da revolução, ou da raça, elevadas à categoria de novas divindades;

- A novidade do que viria a ser chamada a "guerra total" que, infringindo os códigos tradicionalmente aceites, dava via livre à liquidação dos civis e inocentes, usando todos os instrumentos científico-tecnológicos mais modernos. Isto representa o levar até ao extremo o poder arbitrário que não conhece limites, qualquer limite.

- O fenómeno colectivo de ódio e violência que se apoderou de pessoas e povos.

Numa leitura teológica dos sinais dos tempos, a guerra mundial e a guerra total representam (tornam presente) um concentrado do mal, um símbolo real da *mundialização do pecado* que se experimenta pela primeira vez na sua monstruosidade, no seu horror e terror a nível planetário. Evidenciam quer as *formas de mal organizado* de que está tragicamente cheio o nosso século, quer a *aceitação da normalidade e da banalidade do mal*, agora racionalmente justificado e legitimado, e científica e tecnicamente programado e executado.²

² Sobre a relação entre os totalitarismos e a modernidade bem como sobre o significado da "normalidade do mal" cf a análise aguda e crítica de Hannah Arendt nas suas obras *"Le Origini del totalitarismo"*, Milano, 1989" (cuja primeira edição remonta a

À distância do tempo aparecem-nos hoje com mais clareza as metamorfoses, a ruptura e a degeneração da modernidade e dos seus êxitos potencialmente destruidores. A novidade dos tempos modernos não consiste propriamente em que o homem tenha decidido usar livre e publicamente a razão, segundo o lema de Kant. Este lema lança raízes no cristianismo, na convicção de que o homem é criado à imagem de Deus, capaz do conhecimento criador.

O que marca a ruptura epocal foi o facto de a modernidade se apresentar como um projecto ambicioso de salvação do homem pelo homem, que teve a sua expressão teórica extrema no século XIX com "os mestres da suspeita" e sua mensagem, de que foi herdeiro maior o marxismo: é preciso que Deus morra para que o homem viva. O século XIX deixou na consciência geral como herança essa chaga aberta que entrou pelo século XX: o rancor contra Deus como inimigo do homem, que veio a redundar na própria morte do homem.

Sintetizando com palavras de João Paulo II: "Esta mensagem (de Fátima) é destinada de modo particular aos homens do nosso século, marcado pelas guerras, pelo ódio, pela violação dos direitos fundamentais do homem, pelo enorme sofrimento de homens e nações e, por fim, pela luta contra Deus até à negação da sua existência".³

A mensagem de Fátima contempla com lucidez e amargura esta tumultuosa e dramática vicissitude histórica. Depois das Escrituras, é talvez a denúncia mais árdua e mais impressionante do pecado do mundo, que convida toda a Igreja e o mundo a um sério exame de

1951) e *"La banalità del male. Eichmann a Gerusalemme"*, Milano, 1964". O holocausto mostra como uma estrutura do mal se pode tornar terrificante, aterrorizadora. Assim o deixa ver E. Wiesel, num dos seus testemunhos. Um camião descarrega a sua carga de cadáveres sobre um fosso em chama. Essa noite e essas chamas "fizeram da minha vida uma noite fechada a sete ferrolhos. Nunca esquecerei aquele fumo. Nunca esquecerei as carinhas das crianças cujos corpos vi transformar-se em nuvens de fumo sob o escuro azul mudo. Nunca esquecerei aquele silêncio nocturno que me privou para toda a eternidade do direito de viver. Nunca esquecerei aqueles momentos que assassinaram o meu Deus e a minha alma e os meus sonhos, que tomaram o rosto de deserto. Nunca o esquecerei. Nem ainda que estivesse condenado a viver tanto como o próprio Deus. Nunca" (in *La noche, el alba, el día*. Barcelona 1986, 44). Hoje calculam-se em 25 milhões os mortos da barbárie nazista e em 100 milhões os da barbárie comunista. Cf. COURTOIS, Stéfane – *Le livre noir du communisme. Crimes, terreurs, répression*. Paris 1997.

³ *Homília da Missa para a dedicação do santuário de N.S. de Fátima em Zakopane (Polónia)*, in *Osservatore Romano* (Ed. Em língua portuguesa) nº 24, 14-06-97, 16.

consciência. Só quem tem o sentido forte da dignidade do homem diante de Deus, do seu destino eterno, pode perceber quão grande é a tragédia do pecado e como a perda do sentido do pecado é, no mais profundo, a perda do sentido de tudo o que é verdadeiramente humano. “Com a eliminação de Deus das consciências é o próprio homem que entra em perigo. No final do século está em jogo e risco não só a existência de Deus mas também a dignidade do homem”⁴.

Perante esta situação da humanidade ferida, a mensagem de Fátima é porta-voz do clamor das vítimas e faz-se convite a parar perante o mistério do homem diante do mistério de Deus. Repropõe de modo veemente, a antiga e sempre actual interpelação do Génesis: “Adão, onde estás?” (3,9), isto é, onde está o homem? Onde está o homem no universo concentracionário de Auschwitz ou do goulag soviético? “Como pode crer-se no homem ou inclusive como pode crer-se na humanidade – que palavra tão sonora a este respeito! – se em Auschwitz se teve de experimentar aquilo de que o ‘o homem’ é terrivelmente capaz?”⁵ O cinismo dos opressores modernos não é porventura expressão da *impiedade* do mundo moderno e do seu horripilante desprezo e abandono de Deus? Quem salvará o homem do próprio homem?

1.2. Nuvem de misericórdia

A singular coincidência (?) temporal destas aparições com horas históricas de extrema gravidade (a guerra, o novo credo do Bolchevismo e, por referência posterior, o novo paganismo nazi) permite-nos compreendê-las quer em chave psicanalítica de pré-admoestação fatídica, quer em chave histórico-salvífica de profecia, isto é, de irrupção da Palavra do Alto, Palavra da Graça por vias não institucionais, ou seja por via carismática.

A sugestiva expressão de S.Tiago de Sarug (+ 521) referida a Maria, “nuvem de misericórdia que carrega as angústias e as esperan-

⁴ GONZALEZ DE CARDEDAL, O. – *La entraña del Cristianismo*. Salamanca 1997, 284.

⁵ METZ, J. B. – *Um falar de Dios, sensible a la teodicea*. In METZ, J. B. (dir.) – *El clamor de la tierra: El problema dramático de la teodicea*, Navarra 1996, 27.

ças de todo o mundo”⁶, traduz bem o sentido das aparições de Fátima e o cerne da sua mensagem.

Em primeiro lugar, a aparição da Virgem Mãe com a sua mensagem é percebida como uma intervenção do Alto para manifestar e assegurar aos fiéis a não impassibilidade do coração de Deus, a sua vulnerabilidade, a sua dor e o seu grito de amor perante a devastação do pecado destruidor e o sofrimento do mundo e da Igreja: o Deus compassivo, o Deus para nós.

As arquitecturas da teologia clássica distanciavam Deus, metafisicamente, do humano, induziam os crentes a pensar Deus não muito diversamente do Destino (Fado) dos pagãos, soberano, surdo, mudo e distante. Uma falsa concepção de Deus não ultrapassava muito os limites dum certo deísmo: Deus motor imóvel, causa primeira, “monarca celeste e patriarca do Universo” (Moltmann), apático, impassível – “um Deus reduzido a um postulado abstracto da razão teórica ou prática, revestido eventualmente de um manto cristão”⁷. Assim se ocultava o rosto genuíno do Deus de Jesus Cristo.

Na mensagem de Fátima, a desgraça e o pecado não deixam Deus indiferente, e Raquel continua a chorar os seus filhos (cf. Mt. 2, 18). Por isso, do princípio ao fim, o cerne da mensagem está no convite premente a reconduzir para o centro da vida cristã e do mundo a adoração de Deus, Senhor da História, a presença amorosa do Senhor, o reconhecimento da sua primazia, a adesão à sua vontade salvífica, a acender o desejo de amor de Deus e estimular à praxis do amor reparador. Tudo o resto tem aqui o seu centro de unidade e irradiação.

Em segundo lugar, e numa certa ligação com o aspecto anterior, na mensagem reflecte-se um paradoxo que é uma constante da História da salvação: a saber, o extremo e misterioso contraste entre a “grande” história das nações e dos seus conflitos, a história dos grandes e dos poderosos com a sua própria cronologia e geografia do poder e a “pequena” história ignorada dos humildes e pequenos, dos pobres, privados do saber e do poder, na periferia do mundo⁸. E desde

⁶ Citado por S. Deoritti, *Note sulla pietà mariana tra fede e visione, Il Regno* 1993, 2, 56.

⁷ RAHNER, K. – *Il significato dell' umanità di Gesù*. In *Saggi di cristologia*, 247.

⁸ Basta recordar Abraão, Moisés, os dez justos de Sodoma e Gomorra, David, Maria de Nazaré, José e os pastores no nascimento de Cristo em Belém...

aqui, da periferia, são chamados a intervir na história a favor da paz, com outra força, outro poder, outros meios, aparentemente inúteis e ineficazes aos olhos humanos: o poder da oração do justo dita com fervor, a constância na oração para obter o dom da paz através da adoração, da devoção reparadora, da conversão e do próprio sacrifício conforme aos costumes piedosos do tempo, estão em perfeita consonância com o dado revelado nas Escrituras. "Os muros de Jericó caíram ao som das trombetas da oração" afirmava La Pira em 1959, no regresso da primeira viagem que um político do Ocidente fazia à Rússia após a guerra.

Nesta perspectiva, a mensagem da Senhora é um apelo a abrir-se a uma outra dimensão da história, alimentada por outra Presença, sustentada por outra Força, guiada por outra Luz, orientada para outra Meta, já agora misteriosa e silenciosamente presentes e operantes na cadeia das gerações que guardam a(s) Promessa(s) do Senhor e a(s) transmitem de geração em geração.

O próprio filão da espiritualidade mariana que integra a mensagem de Nossa Senhora encontra em Maria um polo luminoso na contemplação do mistério da benevolência divina e da sua condescendência. A devoção ao Imaculado Coração de Maria introduz-nos na "humanidade e benignidade do nosso Deus e Senhor Jesus Cristo". Chama-nos à fé simples e pronta d' "Aquele que acreditou na realização das palavras do Senhor" (Lc. 1, 45). Ela acompanha o drama do "mistério da iniquidade" no mundo e também o mistério da gestação dos crentes e do risco da incredulidade e de apostasia.

Nestes dois aspectos centrais acabados de referir (a não impasibilidade de Deus e a intervenção dos humildes na história pela adoração e intercessão) pensamos encontrar o eixo que permite coordenar organicamente os vários elementos típicos da mensagem de Fátima:

- o elemento sacrificial, centrado no sacrifício eucarístico e na oferta de si mesmo com Cristo;
- o elemento escatológico (visão do inferno e conversão dos pecadores) de uma urgência impressionante, à primeira vista, quase-desumana, a sublinhar o forte relevo que assumem as desgraças que pendem sobre a humanidade e a Igreja, por causa do pecado. Traduz, a

seu modo, a advertência evangélica: "se não vos converterdes, pereceis todos do mesmo modo" (Lc. 13, 3) ⁹;

- o elemento mariano da devoção e consagração ao Coração Imaculado, como caminho para a adoração profunda do mistério de Deus, expresso no sim imaculado de Maria ao Seu desígnio de Amor, e assim também para alcançar o Dom da paz;

- o elemento eclesial, como comunhão solidária de toda a Igreja na intercessão pela paz no mundo e na própria Igreja perseguida;

- o elemento pedagógico-religioso, concretizado em exercícios de piedade (orações, devoções, sacrifícios) de matriz popular (como caminho espiritual simples e acessível a todo o povo), segundo os costumes do tempo e num registo de linguagem psicológica e afectiva (reparar, consolar, desagravar...).

1.3. Num horizonte de fé cristológica e trinitária

Por fim, toda a mensagem de Fátima é-nos apresentada num horizonte de fé cristológica e trinitária. Aqui encontramos o contexto próximo em que está inserida a dimensão eucarística.

A mensagem de Fátima na sua totalidade consta de três ciclos: o ciclo angélico (aparições do anjo -1916), o ciclo mariano (aparições de 13 de Maio a 13 de Outubro de 1917) e o ciclo cordimariano (aparições de Pontevedra 1925 - 1926 e de Tuy 1929). ¹⁰

A meu ver, as aparições do Anjo e a última aparição em Tuy constituem, respectivamente, o pórtico de entrada e a chave de abóbada, à luz dos quais deve ser enquadrada e perspectivada toda a men-

⁹ Um eco desta advertência encontramos-lo em S. Paulo, na carta aos Gálatas, como que a dizer que as obras do homem lhe caem em cima: "Não vos façais ilusões; Deus não se deixa desprezar. O que o homem semeia, recolhe-lo-á. O que semeia na carne recolherá o que produz a carne: a corrupção. O que semeia no Espírito recolherá o que produz o Espírito: a vida eterna" (6, 7-8).

¹⁰ Cf. LEITE, F. - *As aparições de Fátima. História e mensagem*. In *FÁTIMA 75 anos*, Fátima 1992, 21. Em confirmação desta tese da unidade e da complementaridade das aparições em Fátima e das aparições em Pontevedra e Tuy, foi apresentado neste congresso internacional sobre Fátima, um estudo histórico-crítico, rigoroso e preciso pelo Prof. A. Ziegenaus, da Faculdade de Teologia de Augsburg, sobre "El llamado problema de Fátima I e II a comenzar en la documentación histórica".

sagem. É nelas onde aparece vincadamente o mistério eucarístico em íntima relação com o mistério trinitário.

Na primeira aparição, o Anjo comunica e suscita nos videntes o espírito de adoração reparadora na fé, esperança e caridade, através de uma oração simples e bela: “Meu Deus, eu creio, adoro, espero, e amo-Vos; peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam”.

Na 2ª aparição suscita o espírito sacrificial através do sacrifício quotidiano.

E na última explicita e concretiza o espírito de adoração sacrificial numa dimensão trinitária e eucarística, através da oração e da comunhão conferindo-lhe uma finalidade reparadora. É extremamente iluminante a oração do Anjo: “Santíssima Trindade, Pai, Filho, e Espírito Santo, eu Vos adoro profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferença com que Ele é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria peço-Vos a conversão dos pobres pecadores”.¹¹

Logo na primeira aparição de Nossa Senhora, a 13 de Maio, quando a graça de Deus lhes é revelada e comunicada sob a forma de “Luz tão intensa... que penetrando-nos no peito e no mais íntimo da alma, fazendo-nos ver a nós mesmos em Deus que era essa luz”, os videntes rezaram intimamente: “Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro. Meu Deus, Meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento”.¹²

Por fim, temos a última aparição em Tuy. Qual abóbada, remata e sintetiza toda a mensagem nessa visão deslumbrante que compendia num só e único olhar o mistério da Trindade, o sacrifício redentor da Cruz, o sacrifício eucarístico e a presença e participação singular de Maria sob a Cruz, com o seu coração imaculado em todo este mistério da salvação do mundo:

“Eu tinha pedido e obtido licença das minhas Superiores e Confessor para fazer a Hora-Santa das 11 à meia noite, de quintas para sextas-feiras. Estando uma noite só, ajoelhei-me entre a balaustrada,

¹¹ *Memórias da Irmã Lúcia*. Vol. 1. Fátima 1997, 155-157.

¹² *Ib.*, 162.

no meio da capela, a rezar, prostrada, as orações do Anjo. Sentindo-me cansada, ergui-me e continuei a rezá-las com os braços em cruz. A única luz era a da lâmpada. De repente iluminou-se toda a Capela com uma luz sobrenatural e *sobre o Altar* apareceu uma Cruz de luz que chegava até ao tecto. Em uma luz mais clara via-se, na parte superior da cruz, uma face de homem com corpo até à cinta, sobre o peito uma pomba também de luz e pregado na Cruz, um corpo de outro homem. Um pouco abaixo da cinta, suspenso no ar, via-se um cálice e uma hóstia grande, sobre a qual caíam algumas gotas de sangue que corriam pelas faces do Crucificado e de uma ferida do peito. Escorregando pela hóstia, essas gotas caíam dentro do cálice. Sob o braço direito da Cruz estava Nossa Senhora (era Nossa Senhora de Fátima com o seu Imaculado Coração.. na mão esquerda,... sem espada, nem rosas mas com uma Coroa de espinhos e chamas...”), com o Seu Imaculado Coração na mão... Sob o braço esquerdo, umas letras grandes, como se fossem de água cristalina que corresse *para cima do Altar*, formavam estas palavras: “Graça e Misericórdia”.

Compreendi que me era mostrado o mistério da Santíssima Trindade e recebi luzes sobre este mistério que não me é permitido revelar.”¹³

É interessante notar como esta representação da Trindade na Cruz é chamada na iconografia cristã “Trono da Graça”¹⁴ pela evocação da passagem de Heb. 4, 14-16: “tendo portanto um sacerdote eminente que penetrou nos céus, Jesus, Filho de Deus, conservemos firme a confissão de fé. Nós não temos com efeito um sumo sacerdote incapaz de compadecer-se das nossas fraquezas; ele sofreu provações em tudo semelhante a nós, mas sem pecar. Vamos pois confiantes ao Trono da Graça a fim de alcançar misericórdia e de encontrar a graça para ser ajudados em tempo oportuno”. E como não evocar também, por associação, o prólogo de S. João onde nos apresenta o Verbo Encarnado como “O Filho único cheio de graça e verdade”, isto é, de amor misericordioso e fiel, de “Cuja plenitude todos nós recebemos graça sobre graça”¹⁵ (Jo. 1, 14.16)?

¹³ *Ib.*, 201. O sublinhado é nosso.

¹⁴ Cf. BRAUNFELS W. – *Dreifaltigkeit*. In KIRSCHBAUM, E. – (ed.) *Lexikon der christlichen Ikonographie*. Vol. 1. Rom-Freiburg-Basel-Wien 1968, 535.

¹⁵ Cf. TOB: *Nouveau Testament*. Paris 1980, 292 nota v).

Graça e Misericórdia, Graça do Amor misericordioso - eis, pois a síntese da mensagem de Fátima e da revelação do Deus compassivo que no Seu Amor Trinitário se inclina sobre todos os sofrimentos humanos, sobre a humanidade para lhe fazer sentir a sua ternura, para se manifestar Pai amoroso de toda a criatura.

Compreendemos enfim como o Papa Wojtyła, recordando o 80º aniversário das aparições de Fátima, numa mensagem ao bispo local, podia escrever:

“Às portas do terceiro milénio, observando os sinais dos tempos neste século XX, Fátima conta-se certamente entre os maiores, até porque anuncia na sua mensagem muitos dos sinais sucessivos e convida a viver os seus apelos: sinais como as duas guerras mundiais, mas também grandes assembleias de nações e povos sob o signo do diálogo e da paz; a opressão e as convulsões vividas por diversos países e povos, mas também a voz e a vez dadas a populações e a gentes que entretanto se levantaram na arena internacional; as crises, as deserções e tantos sofrimentos dos membros da Igreja, mas também um renovado e intenso sentido de solidariedade e de recíproca dependência no Corpo místico de Cristo que se vai consolidando em todos os baptizados...; o afastamento de Deus e o seu abandono da parte de indivíduos e de sociedades, mas também uma irrupção do Espírito de Verdade nos corações e nas comunidades tendo-se chegado à imolação e ao martírio para salvar “a imagem e semelhança de Deus no homem” (Gén 1, 27), para salvar o homem do homem.

De entre estes e outros sinais dos tempos, como dizia, sobressai Fátima que nos ajuda a ver a mão de Deus, guia providente e Pai paciente e compassivo também deste século XX”¹⁶.

2. O mistério eucarístico à luz do mistério da Santíssima Trindade

A liturgia usa sobretudo a palavra sacrifício para exprimir o mistério pascal de Cristo. De facto, o acontecimento salvífico de Cristo

¹⁶ Mensagem ao bispo de Leiria-Fátima por ocasião do 80º aniversário das aparições milagrosas de Nossa Senhora. *Osservatore Romano* (Ed. em língua portuguesa), 18-10-97, p. 4.

tem o seu coração e o seu vértice no calvário mas selado definitivamente na ressurreição. A compreensão deste mistério é o pressuposto indispensável para uma verdadeira e autêntica compreensão do mistério eucarístico.

Acontece porém que a mentalidade geral foi marcada por uma teologia redutora da expiação ou satisfação. Esta interpretava o sacrifício de Cristo segundo o esquema jurídico - e a respectiva linguagem - do direito ofendido e condignamente reparado. E levou a uma concepção errada e até perversa de uma justiça vindicativa e tenebrosa de Deus que exige a imolação de uma vítima humano-divina para ser condignamente reparado pelo pecado-ofensa da humanidade. Tal perspectiva é anti-cristã.

2.1. O Deus trinitário no mistério pascal de Cristo

Só a perspectiva trinitária revela a originalidade única, toda a profundidade e o verdadeiro sentido do sacrifício de Cristo e, por extensão do sacrifício eucarístico e funda o dinamismo enformador e configurador da existência cristã.¹⁷

A teologia da Cruz do Novo Testamento introduz algo de absolutamente novo e inaudito, uma autêntica revolução relativamente às ideias de sacrifício, expiação e redenção próprias das religiões não cristãs. Nestas, o sacrifício exprime a tentativa do homem, através da oferta de coisas ou acções de expiação, de se aproximar de Deus, para aplacar a sua ira, torná-lo benévolo e propício e assim reparar o pecado. No Novo Testamento, encontramos a perspectiva inversa.¹⁸ É o próprio Deus que no seu amor misericordioso toma a iniciativa de

¹⁷ Sobre a relação entre cristologia e Trindade a partir da cruz, cf. GALOT, J. - La réalité de la souffrance de Dieu. *NRTH* 1979, 101, 224-235; ID. - Le Dieu Trinitaire et la Passion du Christ. *NRTH* 1982, 104, 70-87; FORTE, B. - *Trinità come storia. Saggio sul Dio cristiano*. Roma 1985, 29-42; ID. - *Trinità per atei*. Milano 1996, 55-65.; CODA, P. - *Dios Uno y Trino. Revelación, experiencia y teología del Dios de los cristianos*. Salamanca 1993, 121-135; MOLTSMANN, J. - *El Dios crucificado*. Salamanca 1978; JUNGEL, E. - *Dios como misterio del mundo*. Salamanca 1984.

¹⁸ Uma apresentação actual e profunda da teologia da Redenção e do sacrifício pode encontrar-se em RATZINGER, J. - *Introduzione al Cristianesimo*. Brescia 1971, 227-238; SESBOUÉ, B. - Esquisse critique d'une théologie de la Redemption. *NRTH* 1984, 106, 801-816; 1985, 107, 68-86; GONZALEZ DE CARDEDAL, O. - Jesucristo redentor del hombre, Esbozo de una soteriologia cristiana. *Est. Trinitarios* 1986, 3, 313-396.

vir ao encontro do homem para lhe oferecer ele mesmo o dom mais precioso, "o Filho do Seu Amor" como dom de reconciliação. O NT não diz que é o homem que se reconcilia com Deus. Mas: "Tudo isto vem de Deus que nos reconciliou com Ele por Cristo. Porque de todos os modos era Deus que em Cristo reconciliava consigo o mundo" (2Cor. 5, 18 - 19). S. Paulo, como que atônito pela grandeza do dom sublinha o aspecto da entrega: "O Deus que não poupou o próprio Filho, antes o entregou por nós, como não há-de dar-nos com o Seu Filho todas as coisas?" (Rom. 8, 32). E S. João formula de modo decisivo todo o sentido da história e trajetória de Jesus no mundo: "Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o Seu próprio Filho..." (Jo. 3, 16). A iniciativa do amor gratuito e generoso do Pai aparece como sentido constituinte e hermenêutico da entrega do Filho.¹⁹

Por sua vez, o Filho feito homem, numa perfeita comunhão de obediência livre e amorosa, faz seu o amor do Pai. E para o manifestar e comunicar faz de toda a sua existência e missão uma oferta ao Pai pelos homens. É interessante notar como, no NT, a existência de Jesus se abre e fecha com um acto de entrega ao Pai: "Entrando neste mundo diz: Eis que venho, ó Pai, para fazer a tua vontade", assim interpreta Heb. 5, 7-9. E no alto da Cruz, o próprio Cristo exclamou: "Pai nas Tuas mãos entrego o meu Espírito".

A carta aos Hebreus é o texto do NT que mais explicita a novidade do sacrifício de Cristo²⁰. Ele não ofereceu nada em seu lugar. Em vez da imolação de animais "ofereceu-se a si mesmo a Deus", a Sua pessoa, todo seu "eu", o "seu sangue", símbolo real da totalidade da sua doação, concretização do amor que se dá todo e dá tudo até ao extremo. O seu morrer por nós é expressão suprema, a síntese do seu viver por nós.

O princípio constitutivo do sacrifício não é pois o sofrimento do castigo, o suplício ou a destruição da vítima, o tormento físico mas a entrega, o sim absoluto da existência ao sim absoluto do amor do Pai pela humanidade.

Aqui a ideia de sacrifício personaliza-se de modo decisivo: a oferta total da pessoa. Assim, Cristo é ao mesmo tempo sacerdote e sacri-

¹⁹ Cf. GONZALEZ DE CARDEDAL - *Jesucristo*, 321.

²⁰ Cf. VANHOYE, A. - *Le Christ est notre prêtre: La doctrine de l'épître aux Hebreux*. Paris 1969; ID. - Culto antigo y nuevo en la carta aos Hebreos. *Sell. Teol.* 1980, 75, 252-256.

fício. Ele "fez-se a si mesmo oferta" (Ef. 5, 2). É sacrifício a um duplo título: enquanto dom do Pai aos homens e enquanto oferta de si mesmo ao Pai pelos homens. A Paixão de Cristo é o maior testemunho do amor que Deus deu aos homens; e, simultaneamente o maior testemunho de amor e fidelidade que um homem podia dar a Deus e aos homens.

Mas, continuando o pensamento da carta aos Hebreus, "Jesus ofereceu-se ao Pai pela força do Espírito eterno" (9, 14). A presença e acção do Espírito é um elemento intrínseco e constitutivo do mistério pascal. "A cruz une o Filho e o Pai na comunhão plena daquele querer que se chama Amor"²¹. No abandono da Cruz, o Espírito eterno do Amor sustentando o Crucificado na sua entrega, partilha dela, estabelecendo a reciprocidade do Pai e do Filho no sacrifício.

Nesta reciprocidade de amor, o Pai aceita a entrega do Filho ressuscitando-o na força e na plenitude do mesmo Espírito. E o Ressuscitado entrega o dom do Espírito à humanidade para a tornar participante do infinito amor com que ele mesmo se entregou na cruz (Cf. Act. 2, 33 - 34; Rom. 1, 4). O Cristo glorioso é a eternização de Cristo no seu dom supremo da Cruz. A Cruz é o conteúdo da ressurreição; e a ressurreição é a definitividade do conteúdo da Cruz. O sacrifício de Cristo fica eternamente perenizado na pessoa do Ressuscitado. Ele é agora o supremo e eterno sacerdote, o nosso intercessor para sempre.

No acolhimento do desígnio amoroso do Pai e na Sua entrega completa consiste a verdadeira adoração. No imenso amor até ao fim reconhecemos o muito, o tudo que Jesus fez (satisfação) para reparar, isto é, refazer, renovar o coração do homem e restabelecer a verdadeira comunhão com Deus (reconciliação). A oferta de si mesmo é a chave hermenêutica de tudo o que é sacrifício, sacerdócio, adoração, acção de graças, intercessão, satisfação, reparação, reconciliação, redenção.²²

Esta é a teologia do "Cristo entregue"²³ que só pode ser compreendida cabalmente enquanto epifania do amor trinitário na história.

²¹ MOLTSMANN, J. - *Prospettive dell'odierna teologia della croce*. In, *SULLA TEOLOGIA DELLA CROCE*. Brescia 1974, 42.

²² Cf. G. DE CARDEDAL - *Jesucristo*, 343.

²³ Sobre o significado do verbo "entregar" e suas nuances no N.T., cf. POPKES, W. - *Christus traditus: Eine Untersuchung zum Begriff der Dahingabe im Neuen Testament*, Zurich 1967.

A arte iconográfica exprimiu por vezes este mistério com mais profundidade e finura do que certas teologias académicas. Tal acontece na tradição iconográfica do ocidente quando apresenta e representa como que numa estética teológica, o mistério trinitário no madeiro da cruz. É como uma síntese plástica desta teologia: o Pai que entrega o Filho para ser solidário com os homens e sofre na dor do seu amor; o Filho que se entrega a si mesmo totalmente pela multidão dos irmãos; a pomba do Espírito de amor que sustenta o Filho na entrega e que é entregue pelo Filho como dom do seu amor sofredor à humanidade.²⁴

Conforme o testemunho da Escritura, a Trindade está comprometida até ao fundo no drama redentor e no sofrimento da cruz em virtude do amor gratuito que o Pai, o Filho, e o Espírito Santo devotam à humanidade. Daqui brota o fundamento último da nossa esperança na misericórdia redentora de Deus. Somos salvos no amor trinitário, único capaz de transformar o coração do homem, de vencer o ódio que divide o mundo, de superar o terror e o poder de auto-destruição que tem as suas raízes profundas no pecado do mundo.

“Se os homens soubessem que Deus ‘sofre’ connosco e muito mais que nós por todo o mal que devasta a terra, muitas coisas mudariam sem dúvida e muitas almas ver-se-iam libertadas” (Jacques Maritain)²⁵

2.2. O sacrifício eucarístico e a dimensão trinitária

Toda a riqueza do mistério eucarístico brota do mistério pascal. Mas tal como este só é inteligível como revelação do mistério trinitário, de igual modo a eucaristia.²⁶

Na verdade, a eucaristia é o testamento de Jesus na última ceia em que celebra antecipadamente e interpreta o mistério da sua morte iminente, para dele tornar participantes os discípulos. O seu testamento

²⁴ Cf. FORTE, B. – *Trinità per atei*, 56-155; GONZALEZ DE CARDEDAL – *Jesucristo*, 334-335.

²⁵ Citado por FORTE, Bruno – *Na memória do Salvador*. S. Paulo 1992, 73-74.

²⁶ Cf. KASPER, W. – *Unidad y pluralidad de aspectos de la eucaristia*. In *Teologia y Iglesia*, Barcelona 1989, 416-444; GESTEIRA GARZA, M. – *La Eucaristia misterio de comunión*, Salamanca, 1992, 673-675; BOROBIO, D. – *Eucaristia y nueva Evangelización*. Bilbao 1992, 62-64; VON BALTHASAR, U. – *Die Messe: Ein Opfer der Kirche*. In *Spiritus Creator*, Einsiedeln 1967, 166-277.

é o seu sacrifício. E o seu sacrifício é Ele mesmo “corpo dado e sangue derramado” e, por isso mesmo “pão de Vida” para muitos.

A eucaristia não é algo; é Alguém. Não é só o efeito da obra salvadora de Cristo, mas o próprio Cristo salvador, salvando aqui e agora pelo sacramento. Nela está presente o Cristo total (*Totus et integer*), o “*Christus passus et glorificatus*”, na totalidade da sua pessoa e na plenitude do seu mistério pascal.

A eucaristia é pois memorial do sacrifício de Cristo: actualiza-o, torna-o presente hoje de modo sacramental, tem o valor sacrificial que lhe confere a presença do Ressuscitado. Tudo o que é ou constitui o autêntico sacrifício de Jesus na cruz torna-se presente na eucaristia. Ela é pois, simultaneamente, dom de Deus ao homem (movimento descendente) e entrega que se oferece (movimento ascendente). O Pai continua a dar-nos o Filho do seu amor que se entregou por nós e a nós como dom de salvação. E como Ele se oferece no Espírito, assim a eucaristia é também sacrifício no Espírito.

A eucaristia presencializa e universaliza a presença d’Aquele que “não cessa de interceder por nós” (Heb. 7, 25). É sacrifício porque torna presente o sumo e eterno sacerdote que se ofereceu a si mesmo na terra como Servo e Filho e continua a oferecer-se agora já ressuscitado a si mesmo e a nós com ele ao Pai, oblação definitiva, mantida para sempre e nunca revogada.

Jesus ressuscitado vive eternamente como entrega e culto perene de acção de graças, de adoração e amor eterno ao Pai e de intercessão em nosso favor. É isso a sua filiação divina e eterna. E a Igreja é o altar do mundo onde Cristo continua a tornar presente sacramentalmente a sua oblação de amor que permanece eternamente.

A Eucaristia é também, simultaneamente, sacrifício da Igreja. Como é que a Igreja é chamada e capaz de oferecer este sacrifício?

Segundo S. Agostinho, o sujeito que oferece o sacrifício eucarístico é o *Christus totus*, cabeça e membros. A Igreja só pode oferecer enquanto está em Cristo, unida a ele como seu corpo no Espírito.

Assim, a Igreja realiza o memorial do sacrifício de Cristo como lhe foi confiado, proclama-o eficazmente, associa-se a ele, dá graças, adora, oferece-se e intercede com Ele, por Ele e n’Ele e, de modo particular, na comunhão do “corpo dado e sangue derramado” incorpora-se no sacrifício do seu Senhor.

Também aqui há que distinguir um duplo movimento: de Cristo cabeça para o corpo eclesial e vice versa.

Em primeiro lugar, na eucaristia tal como perante o mistério da cruz, toda a actividade da Igreja se transforma em receptividade. O modelo é Maria que junto à cruz pode só dizer o seu "Fiat": que isso assim seja para a salvação do mundo. Toda a Igreja na Eucaristia é chamada a fazer do mesmo modo: tornar-se completamente receptiva, receber em acção de graças a acção salvífica de Deus em Cristo, deixar-se inundar pelos seus dons, reconhecê-lo como único Senhor, permitir-lhe agir em nós, transformar-nos, reconciliar-nos. Aqui está a quinta essência do sacrifício cristão.

Por sua vez, o acolher o dom do amor oferecido por Cristo, implica o deixar-se envolver n'Ele, participar do seu próprio sacrifício oferecendo-nos e intercedendo com Ele no mesmo Espírito. A oblação de Cristo não é só um modelo. É sobretudo um mistério de comunhão que gera a oblação da comunidade cristã no mundo, a entrega da Igreja a favor de todos como prolongamento vivo e existencial da oblação de Cristo: dar a vida com Cristo e como Ele a deus (cf. IJo. 3, 6).

O sacrifício da Igreja, que parte da Eucaristia em direcção ao mundo, volta de novo como culto, entrega ao Pai através de Cristo cabeça. A oblação da Igreja é assumida pelo ressuscitado e oferecida "por Ele, com Ele e n'Ele ao Pai na unidade do Espírito Santo".

Em síntese: Jesus Cristo é o verdadeiro sacerdote e a verdadeira oferta do sacrifício universal na Eucaristia: d'Ele mesmo como cabeça e do seu corpo eclesial em união com toda a criação e toda a humanidade. Ele é o celebrante principal e com Ele a Santíssima Trindade.

A Eucaristia é sacramento eficaz não só da presença real e viva de Cristo, mas também da Trindade santa e da nossa incorporação a este mistério de comunhão salvadora. Podemos pois dizer que a Trindade é a origem e a meta de toda a Eucaristia: no Pai pelo Filho através do Espírito está a fonte verdadeira e o vértice culminante de todo o mistério eucarístico.²⁷

²⁷ Cf. GESTEIRA GARZA - *La Eucaristia*, 675.

3. A adoração eucarística

Tal como é acolhida e professada na fé da Igreja, a Eucaristia apresenta um aspecto surpreendente que desconcerta a inteligência e comove o coração. Estamos perante um dos gestos-sacramentos abismais do amor de Deus. Diante de tal gesto, a única atitude possível ao homem é a da adoração cheia de gratidão sem limites. A adoração é atitude de reconhecimento, de acção de graças, de acolhimento de tão grande dom. O acontecimento salvífico de Cristo na cruz "indica um dom tão divino e absoluto que, por parte da criatura, a resposta só pode ser dada pelo sim perfeito pelo qual a criatura deixa Deus ser o que Ele quer ser e deixa-O dar-lhe e trabalhar nela o que Ele quer, na medida em que o quer".²⁸

Por isso, a adoração e o espírito contemplativo não são acessórios da celebração eucarística. Antes, exprimem e alimentam a sua alma e o seu dinamismo profundo. A adoração do mistério de Deus em "Espírito e Verdade" tende a assumir a forma de celebração eucarística como sua expressão mais plena; e a celebração, por sua vez, se quer ser a atracção e o centro de toda a vida em Cristo, tende a configurar-se como adoração.

Assim, o culto do mistério eucarístico exprime-se em primeiro lugar através da celebração eucarística e a primeira forma de adoração é a comunhão: receber o Cristo vivo que é dom do Pai que se oferece a nós e com Ele o dom do Espírito.

Este espírito de adoração que nasce na celebração e dela se alimenta, tende a prolongar-se noutros espaços e tempos, mesmo fora da celebração litúrgica; é a chamada adoração eucarística nas várias formas devocionais de que se reveste ao longo dos tempos.²⁹ Mostra-nos como o mistério eucarístico se prolonga para além da celebração litúrgica. Uma vez consagrados, o pão e o vinho permanecem como sinais de uma presença real e viva do Senhor no meio do seu povo, dom constante, memória de uma entrega salvadora para sempre - sacramento permanente.

²⁸ VON BALTHASAR, H. U. - *La Gloire et la Croix*. Vol. 3. Paris 1975, 140.

²⁹ Cf. GESTEIRA GARZA - *La Eucaristia*, 282ss; BOROBIO - *Eucaristia*, 97-113; RAHNER, K. - *Adorazione eucaristica*. In *Nuovi Saggi*. Vol. 10, Roma 1986, 391-397.

Para uma compreensão correcta, profunda e frutuosa do sentido desta adoração, devemos ter presentes algumas referências que a enquadram, fazem ver a sua riqueza espiritual e a preservam de desvios.

É preciso viver a adoração fora da missa como um prolongamento da celebração litúrgica e em íntima com ela. Não é seu substituto ou sucedâneo. No seu centro está o mesmo Cristo que se oferece em sacrifício, se nos dá como alimento, nos reconcilia no seu Espírito. A adoração é um tempo e espaço, exterior e interior, para centrar e recentrar todo o nosso ser, inteligência, coração, sentidos e sentimentos em Cristo crucificado e ressuscitado, como centro de convergência e atracção dos corações: "Hão-de contemplar Aquele que trespassaram" (Jo 19,37; 12,32). Esta contemplação estende-se naturalmente ao mistério do amor trinitário revelado em Cristo. Ela tornar-nos-á participantes da adoração, dedicação e confiança filial de Jesus ao Pai no Espírito.

Assim a adoração constitui também um momento privilegiado da experiência do mistério de Deus na vida: "Ver-se na luz de Deus", em linguagem dos videntes de Fátima.

Para chegar à união com Deus, o homem precisa de permanecer no santuário da adoração deixando-se amar pelo Deus revelado e oculto, e atrair e penetrar por Aquele "que me amou e se entregou por mim" (Gal. 2,20). Para isso são necessários o recolhimento e a adoração em silêncio a fim de que o homem entre com todo o seu ser no Mistério. Trata-se de um método pedagógico-mistagógico que no Oriente se chama "Hesicasmo"³⁰: um método ascético e místico que, mediante a invocação repetida do nome de Jesus, faz descer a mente ao coração. E a partir deste centro penetra logo em todo o ser da pessoa - que o faz com consciência disso - a presença de Jesus ressuscitado. É a mística da luz, daquela luz que transfigurou Jesus no Tabor e envolveu Pedro, Tiago e João na nuvem luminosa. Eis aqui uma chave para compreender a experiência mística dos videntes, na aparição de 13 de Maio, de "ver-se na luz de Deus" e da sua reiterada oração de adoração.

³⁰ Cf. SPIDLIK, T. - *Hesicasmo*. In ANCILLI, E. (ed.) - *Diccionario de Espiritualidad*. Vol. 2. Barcelona 1983, 231-233.

A experiência da humanidade nova transfigurada, vinda do seio do próprio Deus, da participação divina que Deus quer comunicar às suas criaturas, a experiência da graça, singularmente expressa por um dos maiores representantes da teologia bizantina do século X, S. Simeão, o novo teólogo:

"Deus é luz e semelhante a uma luz é a contemplação (...) Simeão pergunta: 'És Tu meu Deus?'. Chega a resposta que diz: 'sim, sou Eu, o Deus feito homem por ti, e é aqui que te faço e farei, como vês, deus'. Como esta luz se fazia sobre ele semelhante ao sol no esplendor do seu meio dia, advertiu que ele mesmo estava no centro da luz e completamente cheio de alegria e de lágrimas (...). Viu que a própria luz se unia de uma maneira incrível à sua carne e penetrava pouco a pouco nos seus membros (...) e convertia-o a ele mesmo completamente em fogo e em luz".

*"Ela (a luz) nos ilumina (...): fala, actua, vive e vivifica, transforma em luz os que ilumina. Deus é luz e aqueles a quem faz dignos de vê-Lo, vêem-No como luz (...). Ao receber a graça, recebe-se a luz divina e a Deus (...). O arrependimento é a porta que conduz da região das trevas à luz (...). Luz é o Pai, luz é o Filho, luz é o Espírito Santo. Os três são uma só luz atemporal, indivisível, sem confusão, eterna, incriada, invisível (...) Luz que ninguém viu nem pode jamais ver antes de ser purificado (...). Para os que foram feitos filhos da luz e filhos do dia que há-de vir, para os que caminham sempre na luz, o dia do Senhor não chegará nunca, já que eles estão sempre com Deus e em Deus".*³¹

Para além de tudo isto, devemos sublinhar, ainda que brevemente, as dimensões eclesial e de compromisso cristão no mundo ligadas a uma verdadeira adoração eucarística.

Antes de mais, exprime de modo específico, a natureza própria da Igreja: Igreja da adoração, Igreja em adoração ao seu único Senhor e Salvador.

³¹ Citado por P. EDVOKIMOV - *El conocimiento de Dios segun la tradicion oriental*. Madrid 1978, 77-78.

Por outro lado, a tradição cristã vinculou sempre o culto eucarístico fora da missa a uma “comunhão espiritual”, inseparável, por sua vez, da comunhão sacramental e da comunhão eclesial. Com efeito, aquele que diz “Isto é o Meu Corpo; isto é o Meu Sangue derramado por vós e por todos” é o mesmo que diz: “o que fizerdes ao mais pequenino dos irmãos, é a Mim que o fazeis”. Também aqui não nos é lícito separar o que Deus uniu: não podemos fazer o divórcio entre o Cristo presente na Eucaristia e o Cristo presente nos irmãos.

A adoração de Deus revelado na Cruz, o Deus compassivo, simpático, faz renascer o homem compassivo e amante, o homem simpático capaz de compreender a realidade da dor e de solidarizar-se com ela. Na simpatia com o “pathos” de Deus pode abrir-se à dor e ao amor ao outro e ao mundo.

Por tudo isto, a adoração deve ser o contexto e momento próprio para orar por toda a Igreja e pelo mundo, viver a solidariedade eclesial e fraterna, rever na luz de Deus as nossas atitudes, os nossos comportamentos e a nossa missão dentro da Igreja e o nosso compromisso pela justiça e pela paz no mundo.

4. A comunhão reparadora: a solidariedade salvífica

Na mensagem de Fátima, encontra-se fortemente acentuada a componente reparadora ligada à oração, à penitência, ao sacrifício e à comunhão eucarística. Aparece no contexto da manifestação da tristeza de Deus pela ingratidão dos homens.³² Evoca-nos, de algum modo, os impropérios de Sexta-feira Santa em que Deus deplora o esquecimento da Sua graça e misericórdia, do Seu acto redentor por parte do seu povo, um Deus vulnerável à indiferença e ruptura do homem: “Povo meu, que te fiz Eu? Que mal te causei? Não me dirás? Que mais poderia Eu ter feito? Em que foi que te faltei?”.

Reparação traduz num registo de linguagem psicológico-afectiva o mistério da redenção. Na sua entrega até ao fim, Jesus fez tudo

³² Ao longo das Memórias da Irmã Lúcia é impressionante como os pastorinhos ficaram impressionados pela tristeza de Deus por causa do pecado dos homens, sobretudo o Francisco.

(satisfez) para reparar, isto é, renovar o coração do homem, restabelecer a sua comunhão com Deus, superar o seu pecado, reconciliar os homens com Deus. Diante deste mistério, o homem que faz esta experiência sente-se interpelado e impelido a fazer tudo (satisfazer) para corresponder a este amor, dizer-lhe sim acolhendo-o, deixar-se converter a ele e por ele, irradiá-lo e comunicá-lo aos outros pela oração, conversão e acção³³. O que inclui também a renúncia ao mundo do pecado e ao pecado do mundo.

No seu sentido mais profundo, é participação na entrega de Cristo “cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”. “Cristo diante do Pai está a nosso lado como mediador, repara connosco o pecado do mundo e nós podemos participar nesta reparação só n’Ele e com Ele”.³⁴

Esta “reparação” entra na lógica do amor e da reconciliação. Por isso, nos Padres da Igreja, começou por ser compreendida como “redemptio”, isto é, retribuir amor com amor.³⁵

Para além desta dimensão pessoal, tem uma dimensão comunitária: “Se cada alma que se eleva, eleva o mundo, toda a penitência, vivida no amor é uma intercessão que contribui em Cristo à libertação da humanidade pecadora”.³⁶ É pois expressão da nossa solidariedade salvífica dentro do mistério da comunhão dos santos, do nosso ser uns com os outros e uns pelos outros em Cristo (Cf. 2 Cor. 5, 14 ss; Rom. 14, 7 ss). Não admira que tenha o seu momento privilegiado na comunhão eucarística. Na Eucaristia, “Cristo une-se aos fiéis e associa as suas orações à própria intercessão de modo que os fiéis sejam transfigurados e as suas orações acolhidas”.³⁷ E ainda: “Através da Eucaristia os crentes unem-se a Cristo que se oferece com eles ao Pai e recebem o poder de oferecer-se em espírito de sacrifício uns aos outros como Cristo se ofereceu ao Pai por muitos, dando-se assim aos homens”.³⁸

Seja-nos permitido ilustrar esta reflexão por um texto significativo de Lutero que pertence ainda ao período católico: “Esta é a comu-

³³ Cf. G. DE CARDEDAL – *Jesucristo*, 368-389.

³⁴ RAHNER – *Alcune Tesi*, 306.

³⁵ Cf. E. GLOTIN – *Réparation*. In *Dictionnaire de Spiritualité*. Vol. 13. Paris 1987, 377.

³⁶ SESBOUÉ – *Esquisse critique*, 81.

³⁷ DOCUMENTO DI LIMA BEM. *Eucaristia II A*) 4, *Il Regno* 1982, 15, 478.

³⁸ COMMISSIONE MISTA CATTOLICO-ORTODOSSA – *Il misterio della Chiesa e l'eucaristia I*, 6, *Il Regno* 1982, 17, 543.

nhão dos santos de que nos gloriamos... Não é bem para nós morar aqui onde todos os membros sofrem quando um sofre, e todos se alegram quando um é glorificado? Então quando eu sofro não sou só eu a sofrer, comigo sofre Cristo e sofrem todos os cristãos. Diz de facto o Senhor: "quem vos toca, toca a pupila dos meus olhos". O meu peso pois levam-no outros, a sua força é a minha. A fé da Igreja vem em socorro da minha angústia, os jejuns dos outros redundam em meu proveito, um outro cuida de mim na oração. E assim posso tirar vantagens dos bens dos outros como dos meus próprios; e os meus próprios são aqueles se na verdade me delicio e alegro com eles. Mesmo que eu seja vituperável e torpe, aqueles a quem tributo o meu aplauso são belos e agradáveis. Graças a este amor, faço meus não só os seus bens, mas eles mesmos; e assim, em virtude da sua glória, a minha inglória torna-se honra, em virtude da sua riqueza é colmada a minha indigência, em virtude dos seus méritos são sanados os meus pecados. Quem então querará desesperar-se pelos seus pecados? Quem não querará antes alegrar-se dos seus castigos quando não suporta pecados nem castigos ele só, visto que o assistem muitos santos filhos de Deus e o próprio Cristo? Que coisa tão grande é a comunhão dos santos e a Igreja de Cristo!

(...) Mas com quem têm comunhão os santos? Com os bons como com os maus; tudo pertence a tudo, como é significado sensivelmente pelo sacramento do altar no pão e no vinho: aí somos designados pelo apóstolo como um só corpo, um só pão, uma só bebida. O que sofre um, sofro-o e suporto-o eu, o que lhe acontece de bom, acontece-me a mim. Di-lo também Cristo, e acontece a Ele o que é feito ao mais pequeno dos seus ...

Portanto, quando temos aflições, quando sofremos, quando morreremos, para aqui se dirija o nosso olhar. Cremos firmemente e estamos persuadidos de que não nós ou não só nós, mas Cristo e a Igreja conosco suportam aflições, sofrem, morrem. Cristo quis que o nosso caminho de morte, do qual cada homem tem horror, não fosse solitário, mas que batéssemos o caminho da paixão e da morte acompanhados por toda a Igreja que nisto sofre mais fortemente que nós...".³⁹

³⁹ M. LUTERO – *Tesseradecos 1520*, citado por H. U. VON BALTHASAR, *Cattolico*, Milano 1976, 75-77.

Conclusão

Do mistério eucarístico brota uma existência eucarística que realiza na vida concreta, fora do templo, o que celebra, contempla e adora no mistério. A existência eucarística é pois uma existência vivida em acção de graças, de adoração, de oferta, de intercessão, de comunhão, de testemunho e serviço a favor da reconciliação, da justiça e da paz no mundo. Compromete o cristão a viver como reconciliado e a comunicar aos outros a graça da comunhão que lhe foi dada gratuitamente na espera(nça) da sua plena realização na glória. Até lá, a eucaristia é sempre o pão da vida, o pão dos peregrinos que nos sustenta na fé, na esperança e na caridade do nosso grande Deus e Senhor, rico em misericórdia.

Desejaria terminar com uma história narrada por G. Dossetti no congresso eucarístico de Bolonha de 1987. Evoca o testemunho de um espiritual do Islão dos sec. IX-X, Yusuf ben Al Husayn que recebera a missão de pregar sem interrupção. Em virtude da incompreensão e hostilidade dos ouvintes, um dia entrou na mesquita e não tinha ninguém para o ouvir. Pensando em retirar-se, eis que uma velhinha gritou: "Yusuf, se os homens estão ausentes, o Altíssimo está presente. Ainda que aqui não haja ninguém, ensina a palavra de Alá". E assim Yusuf continuou a pregar a palavra durante 50 anos, com ouvintes ou sem eles. E conclui G. Dossetti: "Assim deve ser e mais ainda para a nossa eucaristia. E então, frequentando ou não, o povo acabará acreditando que nós realmente cremos e o mundo será salvo pelo mistério em si e pela nossa fé nele"⁴⁰ e, acrescentaríamos, pela nossa adoração dele!

ANTÓNIO DOS SANTOS MARTO

⁴⁰ DOSSETTI, G.; GIUSSANI, L. – *Per la vita nel mondo*, Bologna 1990, 50.